

Humor, insulto e política nos periódicos de José Agostinho de Macedo

João Pedro Rosa Ferreira

CHAM – Centro de Humanidades,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

« Debaixo da capa de hum gracejo »

O padre José Agostinho de Macedo não tinha dúvidas de que o riso era uma arma eficaz e usava-a sem hesitação no seu combate : « Debaixo da capa de hum gracejo se apresentão os mais sólidos, e proveitosos documentos para a conservação, e independencia deste Reino, e se escondem as armas mais poderosas para combater, e derrotar os mais poderosos inimigos »¹. Este artigo aborda a componente humorística nos periódicos de Macedo *A Tripa Virada*, *A Besta Esfolada* e *O Desengano*, procurando definir o seu lugar no âmbito de uma determinada estratégia política. Busca-se, igualmente, problematizar os limites do humor e os excessos de linguagem de Macedo, na fronteira entre o sério e o risível. Analisaremos ainda o modo como o autor utiliza estes dois recursos na construção de uma opinião pública favorável à sua estratégia.

Uma vida agitada

Quase dois séculos depois da sua morte, José Agostinho de Macedo (1761-1831) continua a não deixar indiferente quem o lê². Cultivou a polémica com entusiasmo furibundo, tanto na sua polifacetada atividade literária (dividida entre a poesia, o

¹José Agostinho de MACEDO, *A Besta Esfolada*, n° 21, p. 1. As citações dos periódicos e das obras de referência respeitam a ortografia e a pontuação originais.

² Maria Ivone de Ornelas de ANDRADE, *José Agostinho de Macedo : Um iluminista paradoxal*, 2 vols., Lisboa, Edições Colibri, 2001-2004 ; António Mega FERREIRA, *Macedo : Uma biografia da infância*, Lisboa, Sextante Editora, 2011 ; Carlos OLAVO, *A Vida Turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Guimarães & C.^a Editores, [1938] ; Inocêncio Francisco da SILVA, *Memórias para a Vida Íntima do Padre José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899 ; *Id.*, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, p. 183-184.

teatro, a epistolografia, a filosofia, a história, a crítica, a política, a parenética, a oratória fúnebre e a periodística) como na sua agitada vida pessoal.

O jovem alentejano de Beja que veio para Lisboa estudar com mestres da Congregação do Oratório antes de ingressar no Convento de Nossa Senhora da Graça da Ordem dos Agostinhos apenas usou o nome de Frei José de Santo Agostinho durante pouco mais de uma dúzia de anos. Professou em 1778 ou 1779 e, pouco depois, o roubo de umas lampreias foi o ponto de partida do « extraordinário percurso cadastral »³ de um « ladrão, indisciplinado, apóstata, devasso, rufiote, oportunista e desleal »⁴, que culminou com a expulsão da ordem, a 18 de fevereiro de 1792. No ano anterior deixara de usar o nome de José de Santo Agostinho, passando a assinar José Agostinho de Macedo, a que faria corresponder nas lides poéticas o nome arcádico de Elmiro Tagídeo. O labéu da expulsão viria a ser suavizado : interpôs recurso da sentença e acabou por obter um breve de secularização da Sé Apostólica concedendo-lhe, em 1794, a passagem ao estado de presbítero secular⁵.

Reconhecimento social não faltou ao padre José Agostinho de Macedo, entre a fama e a infâmia, consoante a apreciação de admiradores ou de detratores. Em 1802 foi nomeado pregador régio (já em 1798 pregara na festa do nascimento do futuro D. Pedro IV, na Capela Real do Palácio de Queluz⁶) ; foi sócio da Arcádia de Roma e da Academia de Belas-Letras de Lisboa ; durante o triénio liberal foi eleito deputado substituto por Portalegre às Cortes de 1822 ; e, já no fim da vida, em 1830, foi nomeado substituto do cronista do Reino. Quando morreu, com 70 anos, a 2 de outubro de 1831, D. Miguel mandou que o caixão fosse transportado num coche funerário puxado por oito cavalos desde sua casa, em Pedrouços, até ao convento de Nossa Senhora dos Remédios, das freiras trinitárias, no Rato, em Lisboa, onde foi sepultado⁷.

³ A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 71.

⁴ *Id.*

⁵ Inocêncio Francisco da SILVA, *Diccionario Bibliographico*, vol. IV, p. 183.

⁶ José Agostinho de MACEDO, *O Desengano*, n.º 25, p. 4.

⁷ I. SILVA, *op. cit.*, p. 184 ; A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 338.

« Periódicos para além da desmesura »

Falhada a pretensão de ser reconhecido como ideólogo do absolutismo⁸, Macedo entregou-se ao papel de seu mais exacerbado propagandista. Esta vocação manifestou-se, particularmente, em três dos muitos periódicos que redigiu : *A Tripa Virada* (1823), *A Besta Esfolada* (1828) e *O Desengano* (1830-1831).

A veia polemista do autor levou-o a entrar em choque com figuras da área do poder ou próximas dele⁹. À pena verrinosa de Macedo não escapou sequer a mais alta hierarquia eclesiástica : um dos seus alvos favoritos foi o « malhado » (liberal) Frei Francisco de S. Luís, futuro reitor da Universidade de Coimbra e cardeal patriarca de Lisboa (o cardeal Saraiva)¹⁰. Tanto a campanha anti-sebastianista¹¹ como a sua megalómana comparação com Camões¹² foram degraus que conduziram Macedo à maturidade como autor e como político.

Foi nesta fase que, depois de um momento de aparente hesitação em que publicamente manifestou adesão ao regime liberal saído da revolução de 1820, quer candidatando-se e fazendo-se eleger deputado substituto às Cortes ordinárias de 1822 por Portalegre (embora nunca tenha tomado posse), quer aceitando incumbências e fazendo « promessa de escritos Constitucionaes »¹³, Macedo fez jus à fama de vira-casacas¹⁴. Confessando a falsidade da « comédia » que representou¹⁵, assumiu, enfim,

⁸ M. I. ANDRADE, *op. cit.*, vol. II, p. 58-74.

⁹ Caso de António Ribeiro dos Santos : cf. A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 179-182. Sobre Ribeiro dos Santos, cf. José Esteves PEREIRA, *O Pensamento Político em Portugal no Século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

¹⁰ A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 190-192.

¹¹ A crença profético-messiânica no regresso do rei D. Sebastião, desaparecido em 1578 na batalha de Alcácer Quibir, ressurgiu na época das invasões francesas. Macedo acusou cada sebastianista de ser « mau cristão, mau cidadão, mau vassalo, e tolo com um T bem grande », *apud* M. I. ANDRADE, *op. cit.*, vol. I, p. 122-125.

¹² Macedo cismou que o seu poema épico *O Gama* (1811), mais tarde refundido em *O Oriente* (1814), era superior a *Os Lusíadas* e organizou mesmo um corpus de *Censura das Lusíadas* (*Ibid.*, p. 89-99).

¹³ *Tripa por Huma Vez*, p. 66.

¹⁴ « [...] Ha circunstancias taes, e tão imperiosas que obrigão o homem mais constante a representar o que não he, e a identificar-se em aparentes sentimentos com seus mesmos inimigos, e perseguidores, escrevendo como elles escrevem, falando o que elles falam, louvando, e promovendo o que elles louvãõ, e promovem » (*Ibid.*, p. 62); « [...] Apenas dizia em tom baixo, submisso, e não escutado pelos filhos da Besta Até ao lavar dos cestos he vindima ! » (*Besta*, n.º 3, p. 2).

¹⁵ « Que couza mais ridicula, que querer fazer de hum jurado inimigo dos Pedreiros, hum Apologista da cauza Pedreiral ! Que cousa mais ridicula, que não se lembrarem que eu com o conhecimento da cauza, que elles tão ingenuamente me davão, fazia hum farnel que ainda algum dia devia vir á luz do Mundo ! A muita gente parece hum milagre a minha conservação não participando da sorte dos mais

a sua verdadeira identidade política : « carcunda », adorador do « Anjo Miguel cá na Terra »¹⁶.

A Tripa Virada

A Tripa Virada regista a noite de 5 de junho de 1823 como a da sua primeira reportagem, culminando um dia considerado histórico pelo redator¹⁷. Naquela data representou-se o último ato do golpe contrarrevolucionário da Vilafrancada, iniciado a 27 de maio (apenas quatro dias depois da entrada em Madrid do exército francês comandado pelo duque de Angoulême que pôs fim ao triénio liberal em Espanha) : o regresso apoteótico de D. João VI a Lisboa, vindo de Vila Franca na companhia do infante D. Miguel, nomeado generalíssimo. Abolida a Constituição e dissolvidas as Cortes, a chegada do rei ficou assinalada pelo gesto de um grupo de nobres que desatrelou os cavalos, substituindo-os no papel de puxar a carruagem real.

Àquele dia « memorável e prodigioso » sucedeu uma noite « agradável e divertida », em que o « acaso ofereceu » a José Agostinho um « espetáculo » que seria o tema central do periódico – a campanha contra a Maçonaria, anunciada logo nos versos que lhe servem de epígrafe, assinados Forno do Tijolo¹⁸ : « Sem pão nem pedra cáhe em pedaços / Co-a Trolha, e Prumo a Farça dos Palhaços ».

Depois de localizar no tempo e no espaço a cena que vai narrar, Macedo introduz de imediato o tom que vai marcar os textos d'*A Tripa Virada*. A descrição inclui elementos que permitem identificar os participantes na sessão maçónica.

que gerem em degredos ; não foi causa sobrenatural, e milagrosa, foi a Comedia em que eu entrei como Actor representando o papel de constitucional, sendo-o com tanta verdade como hum cómico he Tarmelão Rei da Persia, quando o representa » (*Tripa por Huma vez*, p. 66).

¹⁶ *A Tripa Virada*, n.º 2, p. 14.

¹⁷ «Tão memoravel e prodigioso foi, e será nos Fastos de todas as Nações civilizadas, o dia cinco do corrente Junho de 1823, pelo quadro unico, e sem exemplo que nos offerece a Historia, como agradável e divertida foi para mim a noite do mesmo dia, pelo espectáculo que me offereceo o acaso » (*Ibid.*, n.º 1, p. 1).

¹⁸ Macedo morava, à época, na Calçada do Forno do Tijolo, em Lisboa, e assinava por vezes as suas cartas, artigos ou poemas « Forno do Tijolo ». *A Tripa Virada* era impressa na Oficina da Horrora Conspiração, ex-Impressão Liberal, localizada na Rua Formosa, n.º 42. O nome evoca a « conspiração da Rua Formosa », intentona contrarrevolucionária denunciada por Rodrigo da Fonseca Magalhães, em junho de 1822, e que levou à prisão o impressor Januário da Costa Neves e Francisco Alpoim de Menezes, futuro redator d'*A Trombeta Lusitana* (cf. Pedro Teixeira MESQUITA, *A Trombeta Lusitana*, Lisboa, Hemeroteca Municipal, 2014, p. 1-2, consult. 02.04.2019, <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/ATrombetaLusitana.pdf>).

[...] Conhecia-os como os meus dedos. O primeiro [...] tinha ar de quem ainda dava *Conselhos de Estado*, e era com aquella figurinha de placart magro, e calvo, o *Grão Mestre do Grande Oriente*¹⁹! Pois hum Demonio negro com duas mitras, e duas coroas, huma de Conde, outra de Frade! Todo elle cheio de *Synonimos*²⁰ [...] vi o Pato²¹ no character de Grande Secretario [...]. Muito gostei de ver os dois Grandes Vigilantes! Hum Conego outro Abbade [...] sem igreja muito sabio na opinião, com a cara velha, e franzida como huma correa²², e homem de tantos dias, que já tinha idade para ter juiso, e não se meter naquellas encamizadas (*Ibid.*, p. 3-4).

Sob a forma de discurso pronunciado por um maçõn, à laia de confissão, segue-se uma catilinária contra a Maçonaria, que serve para introduzir o título escolhido por Macedo para o periódico, justificado pelo estilo jocoso adoptado :

[...] Este gracejo com o fundamento da verdade serve de Prefacção ao Periodico, que vou offerecer á Nação Portugueza, com o titulo que lhe supponho dado pelo Orador A TRIPA VIRADA e começando do primeiro acto da rebellião, começada desde o dia infausto de 24 de Agosto de 1820, até o dia faustissimo 5 de Junho de 1823, [...] eu levantarei o véo que encobre ainda o abysmo de males, em que os malvados nos precipitarão (*Ibid.*, p. 10).

O recurso ao riso ou, pelo menos, ao risível não mitigava a violência d'*A Tripa Virada*. O n.º 2, sob o título « S. Miguel, e os Diabos » consiste num exercício de diabolização literal do outro, neste caso o inimigo político :

Houve no Ceo huma grande batalha : S. Miguel pelejou com o Dragão, e com os seus Anjos, e por fim atirou com todos os Diabos aos quintos

¹⁹ João da Cunha de Sotto Maior (1767-1850).

²⁰ Alusões à dupla condição de conde (de Arganil) e frade (beneditino) de Frei Francisco de S. Luís Saraiva (1766-1845), bispo de Coimbra e reitor da Universidade, autor do *Glossário das palavras e frases em língua francesa que se tem introduzido na locução moderna portuguesa*, ex-presidente das Cortes, futuro ministro do Reino e cardeal patriarca de Lisboa.

²¹ Nuno Álvares Pereira Pato Moniz (1781-1826).

²² Abade José Correia da Serra (1750-1823), fundador da Academia das Ciências de Lisboa, representante diplomático de Portugal nos EUA e íntimo do presidente Thomas Jefferson. Morreu poucos meses depois desta referência, em setembro de 1823.

infernos. Isto foi no Ceo, e ainda que a imagem he muito alta, o mesmo succedeo com outro Miguel, que parece, e he hum Anjo cá na Terra (*Ibid.*, n^o 2, p. 13).

Desumanizado o adversário ao ponto de o equiparar ao mal absoluto, não é de estranhar que o passo seguinte seja o apelo ao seu extermínio. O autor estabelece um paralelo entre dois Miguéis — um do Céu (o célebre arcanjo) e outro da terra (D. Miguel, chefe do partido absolutista). Do mesmo modo que o primeiro não se conseguiu desembaraçar de todos os diabos, também o segundo deixou alguns a pairar. O autor sugere que o infante os suspenda no ar com uma corda, ou seja, que os enforque :

Com a victoria de S. Miguel, segundo se nos diz, e crê, ficarão muitos Diabos espalhados nos ares, em justo que o S. Miguel da Terra, deixasse alguns, e bastantes pendurados no ar, e como elles não são tão leves como os outros Diabos, eu lhe aconselhara, que mandasse uzar de hum atilho assim por modo de huma CORDA [...] a não se uzar do remedio efficacissimo da CORDA continuarão a maquinar da mesma sorte, a revolver, e a minar tudo como espiritos de rebellião e verdadeiros genios do mal (*Ibid.*, p. 15).

O outro, ou seja, o adversário em termos de luta política, ganha corpo na sociedade envolvente. Macedo não hesita em apontar os grupos socioprofissionais mais vulneráveis ao « contágio », toda a pequena burguesia urbana, a classe média-baixa ligada ao comércio, viveiro de liberais. O preconceito em relação a certas classes sociais desdobra-se em aversão à cultura, quando Macedo constata que os de baixo procuram a emancipação através da palavra impressa. A solução para « estes nojentos empecilhos » ? Apelar ao « milagroso S. Miguel da Terra » para que não lhes deixe « osso em seu lugar » (*Ibid.*, p. 18).

O ridículo volta a ser a arma de eleição do autor para apoucar os adversários quando narra a repressão dos liberais, enumerando os momentos altos das « montarias e coças formidáveis » à Maçonaria, com destaque para a Setembrizada de 1810 e as « fogueirinhas do Campo de Santa Anna » (lugar em Lisboa onde foram

enforcados e queimados os implicados na Conspiração de Gomes Freire, em 1817), com os « mentecaptos ali pendurados e depois assados » (*Ibid.*, nº 3, p. 27).

O último dos três números « violentamente antimaçónicos »²³ d'*A Tripa Virada* conclui com uma espécie de refrão : « Alimpem a mão á parede ». Esse apelo à ordem visa pôr termo a todas as « patifarias » levadas a cabo pela « cáfila opinante, preopinante, constituinte e legislante » de « furiosos Pedreiros », « Palhaços » e « molho de gaiatos » (*Ibid.*, p. 29).

Tripa por Huma Vez, número único de 67 páginas, impresso igualmente na Oficina da Horrrosa Conspiração, ainda em 1823, constitui uma espécie de desabafo que completa *A Tripa Virada* e esclarece uma parte do que Macedo ali deixou por dizer. O autor não esconde o seu ressentimento ao deixar perceber que o fim do periódico não foi voluntário, antes ficou a dever-se à ambiguidade da moderação que, apoiada por D. João VI, orientava o governo do conde de Suberra, resistindo ao extremismo « apostólico » de D. Carlota Joaquina e D. Miguel, de que Macedo era arauto.

A autojustificação ressentida, com laivos de vitimização, está omnipresente na obra, que tem uma frase de abertura exemplar : « Se quem se mette com rapazes amanhece borrado, como poderia eu ficar muito limpo mettendo-me com *Tripas* ! » (*Tripa por Huma Vez*, p. 3).

A Besta Esfolada

Mandado calar devido ao seu extremismo num momento em que o governo, apesar de contrarrevolucionário, apostava numa política de moderação, Macedo fez uma travessia do deserto durante o primeiro período de vigência da Carta Constitucional (1826-1828) para regressar triunfal quando o seu adorado « S. Miguel » tomou o poder. *A Besta Esfolada* mostra um José Agostinho igual a si próprio, mas agora (quase) desçaímado, sustentado pelo mecenato do Mosteiro de Alcobaça, com cujo procurador geral, Frei Joaquim da Cruz — que fora o seu alvo na dedicatória (oportunamente renegada) de *Os Burros* —, se reconciliara.

²³ José TENGARRINHA, *Nova História da Imprensa Periódica Portuguesa das Origens a 1865*, Lisboa, Temas e Debates, 2013, p. 396.

O periódico traz no primeiro número a data de 7 de Julho de 1828, dia em que D. Miguel assumiu o título de rei absoluto. É num contexto de turbulência política, marcado por uma decisiva guinada no sentido do absolutismo « apostólico », que se enquadra o lançamento do novo periódico, tribuna do mais corcunda dos absolutistas.

Nesse número inaugural, Macedo apresenta os seus objetivos, explicando « com clareza, e até com rigor mathematico » que « a BESTA He a Facção que começou a espinotar em Villa Franca a 3 de Junho de 1823, até 22 de Fevereiro de 1828 »²⁴ (*A Besta Esfolada*, n° 1, p. 7). Surge logo a seguir o « Cão Malhadiço » : « He o Porto, por dezasete vezes se tem amotinado (...) e se agora de todo não derrabaõ este Caõ, ainda que o malhem tornará a morder » (*Ibid.*). Menos de uma semana antes, a 2 de julho, terminara no Porto a revolta liberal iniciada a 16 de maio, encabeçada por Palmela, Saldanha e Vila Flor (futuro duque da Terceira), que ficaria conhecida como a « Belfastada », do nome do vapor britânico *Belfast* que transportou os chefes insurretos derrotados, enquanto os soldados empreendiam a retirada para a Galiza.

Ainda no n° 1, Macedo anuncia o lugar atribuído ao humor na *Besta* :

Parece frivolo o titulo, e mais incompetente parece o estilo facêto, em que seraõ expostos os maiores horrores, que vio o Mundo (...): quando for necessario carregar as cores, ou augmentar as sombras, eu o saberei fazer (*Ibid.*, p. 8).

Os excessos de linguagem de Macedo em *A Besta Esfolada* acabariam por incompatibilizá-lo com o sector mais pragmático do miguelismo, que tinha como prioridade o reconhecimento diplomático do regime. Como se compreende, um tal objetivo não era facilitado pela violência verbal destes « textos de perseguição »²⁵, autêntica « pornografia do ódio »²⁶. Do governo e da nobreza partem manobras tendentes a controlar a *Besta*. O autor queixa-se : « Eu arrebento por falar (...) fique-me o grande rolhão não só na boca, mas até nas guélas » (*Besta*, n° 6, p. 3).

²⁴ Data do desembarque de D. Miguel em Lisboa, regressado do exílio.

²⁵ M. I. ANDRADE, *op. cit.*, vol. II, p. 280.

²⁶ « [...] Que é como George Steiner qualifica os panfletos antisemitas de Céline » (A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 151).

Macedo lamenta-se dos efeitos da censura ao seu correspondente Frei Joaquim da Cruz : « mande-me V. S^a dizer se a *Besta* passou da estrebaria de Frei Henrique »²⁷. Queixa-se não apenas do censor, a quem chamava « Frei Velhaco de S. Patife »²⁸, mas também das intrigas e pressões ao mais alto nível da corte, incluindo do duque de Cadaval²⁹ e da própria rainha D. Carlota Joaquina³⁰, com exceção de D. Miguel, a quem seriam sonogados exemplares do periódico³¹.

A desumanização do outro

Macedo promove constantemente a depreciação dos adversários, a quem chama, numa sucessão de insultos :

[...] A cambada dos Judeos errantes, que daqui abalárão depois de terem feito tantas para fazerem ainda mais por esses Reinos estranhos, dirá, e com razão, quando os contemplar aos magotes pelas Tabernas, Casas de Pasto, e Hospedarias, Isto he bando de ladrões combinados, isto são Ciganos sem Patria, e sem Lei [...]. Dirão outros, isto certamente he banda de Comicos ambulantes, andão pelas Feiras com Titeres e Bonecos, que não trazem de páo, porque são elles mesmos as Marionetes (*Besta*, n^o 13, p. 8).

Os seus adversários políticos são « hum magote de mentecaptos » (*Besta*, n^o 14, p. 12) ou uma « récuca de mentecaptos » (*Ibid.*, p. 13), sobretudo os que aliam à qualidade de « pedreiros-livres » ou de « malhados » a de « periodiqueiros », isto é, aqueles que ocupam o espaço público e manifestam as suas convicções políticas, exercício cívico que ajudou à formação da opinião pública em Portugal. Para Macedo, são « os

²⁷J. A. MACEDO, *Obras Ineditas*, p. 11. Refere-se ao censor Frei Henrique de Jesus Maria. Este, por sua vez, chegou a visitar Macedo em casa para lhe apontar o verdadeiro culpado pela « capação da *Besta* » : « Aqui veio outro dia Fr. Henrique em grande luxo, habito, corda e sege, lavado em lagrimas, e protestando-me e jurando-me que elle não era culpado na capação da *Besta*, mas sim Joaquim Antonio, e só Joaquim Antonio » (*Ibid.*, p. 26-27). Ver J. TENGARRINHA, *op. cit.*, 2013, p. 437.

²⁸ Carta LIV de José Agostinho de Macedo para Frei Joaquim da Cruz (J. A. MACEDO, *Obras Ineditas*, p. 67).

²⁹ *Ibid.*, p. 17-18.

³⁰ « A Rainha ralhou da observação da 22^a ; logo aqui vem um clérigo por mandado d'ella dizer-me o que eu devo escrever » (*Ibid.*, p. 36).

³¹ « Outro visitante que veio de Queluz, me disse que para El-rei lêr o numero 7^o, foi preciso mandal-o comprar a Lisboa, porque á sua mão não vão taes papeis » (*Ibid.*, p. 19).

maiores patifes, e os mais famosos ladrões do Universo », dos quais salienta Hipólito da Costa, redator do *Correio Braziliense*, apontado, com ironia, como exemplo a seguir : « Pedreiro, que não for hum mentiroso de lei, não merece trazer pendurada do pescoço, em quanto o não pendurão pelo pescoço, a celestial Esquadria, e a divina Trolha, como aqui appareceo pintado hum dos nossos mais sanctos, e respeitáveis Patriarchas, o Senhor Hypolito » (*Besta*, nº 17, p. 10).

Contra a liberdade de imprensa

Segundo Macedo, a imprensa é o principal instrumento da revolução, da democracia, em suma, o mal absoluto. « Sempre me deo no gôto esta Liberdade da Imprensa » (*Besta*, nº 15, p. 3). Livros impressos, eis « a mais pestilenta, e venenosa dentada » da *Besta* revolucionária, « em que a Religião era atacada, e a Moral pública corrompida » (*Ibid.*). Macedo tem, naturalmente, uma solução — a fogueira para o livro e a forca para o leitor :

Querem sarar das dentadas da *Besta* ? Pois he preciso começar pela abolição destas producções das trevas ; e depois desta Lei de exterminio, e desta basculhação Inquisitorio-Politica, se na mão de algum se achar Livrinho desta natureza, fogueira com o Livro, e Forca com o dono (*Ibid.*, p. 6).

Pior do que os livros, só o « diluvio universal de Brochuras politicas, de Periodicos, verdadeira praga de Gafanhotos, que roêrão, e estragárão tudo » (*Ibid.*). Macedo classifica os periódicos e o periodismo como pesadelo, delírio, flagelo devastador, diabólica invenção, dilúvio periodical, produto das pocilgas dos filosofantes (*Ibid.*, p. 8). O segredo do êxito da imprensa era o baixo custo, que tornava « a peçonha » acessível a praticamente todas as camadas da população :

Em todos os Reinos, em que os Periodicos se multiplicárão muito, se tornou inevitavel a Revolução. Estes venenos custavão pouco a preparar, e menos a distribuir ; pelo seu preço chegavão a todas as Classes, á Classe agrícola, á Classe operaria ; a mesma canalha sem classe, e sem mister algum se occupava na Leitura dos Periodicos ; e, como pouco reflexiva, não conhecia a peçonha, que se lhes

propinava ; desta maneira se contaminou em geral a maça da População de hum Reino, e tão vasto como o de França (*Ibid.*).

Em suma, contra o « contagio universal dos Periodicos » impõe-se a sua total abolição³². « Não querem revoluções ? Pois não haja Periodicos » (*Besta*, n.º 15, p. 11).

As « Senhoras Malhadas »

Freirático³³, Macedo manifesta a misoginia de que deu mostras na sua vida pessoal³⁴. A mulher é o outro e, no caso das mulheres liberais (as « Senhoras Malhadas ») a palavra é desbragada : « A reverencia devida ao sexo, isso não he para mim » (*Besta*, n.º 12, p. 9).

Assim, não se coibirá de afirmar :

Invadio-as a mania politica, puxarão-se os registos todos aos órgãos fallatorios [...] ; ninguem mais dormio onde ellas estão, nem mesmo na visinhança. Os maridos fogem, os filhos abalão, os moços despedem-se, as criadas móscão, e a desenteria lingueira não acaba, he chronica, não acabará senão quando ellas acabarem (*Ibid.*, p. 9-10).

Nos números seguintes o autor desenvolve uma argumentação misógina, visando o corpo feminino, um meio para Macedo de descredibilizar a influência política da mulher :

Vós sabeis muito bem que a vossa influencia não vem da Politica. [...] Que influencia teria no Mundo hum focinho com mais pregas, que os dous roquetes de hum Conego, huns olhos mais encovados que dous Hermitães em duas covas, hum queixo, ou mandibula inferior, que tremesse mais que hum Clerigo mandado para Rilhafóles, com dous timbales do Inferno (*Besta*, n.º 13, p. 6-7).

³² Logo no início do regime constitucional, Macedo escrevera, sob anonimato, um violento requisitório contra a imprensa livre, com argumentos que foi refinando ao longo dos anos seguintes, mas com poucas variações do mote « Fugi de Periodicos = *Fugite partes adversae* » (J. A. MACEDO, *Exorcismos Contra Periodicos, e Outros Maleficios*, Lisboa, Na Off. da Viuv. de Lino da Silva Godinho, 1821, p. 34).

³³ C. OLAVO, *op. cit.*, p. 85-152 ; A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 227-239.

³⁴ M. I. ANDRADE, *op. cit.*, vol. I, p. 55-57.

O autor receia que, ao entrar na política, as mulheres procurem emancipar-se do poder masculino. Tal emancipação implicará uma revolução dos costumes que mergulhará a sociedade na imoralidade :

O vosso Imperio no Mundo [...] he hum Astro, que faz a sua revolução á ródá do Sol em vinte cinco até trinta cinco annos (muito lhe alargó a orbita !) Vós quereis as maximas da nova Politica, porque em si, e comsigo trazem as maximas de huma nova moral... Desterrão o pudor do sexo [...]. Abrem o passo a hum luxo immoderado, ou sem limites, que deixando no vestido apenas coberta a metade do corpo, deixa inteiramente núa, e vasia a bolça dos Maridos. Facilita-lhes a frequênciá daquellas escandalosas orgias nocturnas, em que, o menos que se perde he o dinheiro ao jogo ; não me atrevo a dizer qual seja o mais que alli se perde [...]. Seja qual fôr a fórma do Governo, a Malhadice destas Malhadas corre de outra fonte, e he a que eu aponto ; querem moral sem freio, por isso se metem a Politicas sem surrilfra (*Ibid.*, p. 7).

Como resolver o problema das « Malhadas » que « quizerem fallar em Politica ? Deita-se-lhes pimentão na lingua, que logo se calão » (*Besta*, N° 21, p. 12). O nível da língua atinge agora o insulto misturado com ameaças de morte : « não vem hoje as Malhadas para o degoladouro. Hoje era o dia. O ar está pardo, a trovoada era infinita ; mas peor, porque com a demora cresce ! Ah Cadellas ! Não tarda o dia do pagamento » (*Besta*, n° 21, p. 16).

« Fedor de catinga » e « origem macacal » : o racismo como arma

O sarcasmo de Macedo é frequentemente racista. Tendo como alvo judeus (é sintomático o uso frequente do verbo « judiar ») e ciganos, o racismo aparece em diferentes números do periódico. Mas as principais tiradas racistas reserva-as Macedo para tudo o que diz respeito ao Brasil :

[...] Os Brasileiros são como os jumentinhos, [...] quanto mais crescem, mais se lhes diminue a vivacidade, começão a se lhes dobrarem, e cahirem as orelhas, nenhum arrocho, por mais vibrado, e sacudido que

venha, os faz andar, não tomão geito, pirguiçosos, e indolentes (*Besta*, nº 18, p. 8).

O sotaque da língua portuguesa falada no Brasil serve de pretexto para mais uma piada de mau gosto :

[...] E podem dizer os Brasileiros que estão tão separados de Portugal, que até a sua lingua não he a nossa, e tem razão, porque parece assim huma cousa por modo de lingua de Preto. Ou elles o são, ou de lá vem por algum costado ! (*Besta*, nº 19, p. 14).

A propósito do protesto diplomático pela prisão do cônsul do Brasil no Porto, em junho de 1829, carrega no insulto :

Se estes Senhores *di lá* são patifes, os *di cá* fazem justiça, pois não queremos que os Estrangeiros venhão dar Leis, e mudar Leis dentro em nossa casa, como nós não vamos dar Leis, nem mudar o Governo da sua. O Seu Monarcha tem lá hum Throno ; o nosso cá tem o que só a elle pertence. Que não ha de acabar este fedor de catinga, com que nos vem inficionar o ambiente, que respiramos !! (*Ibid.*, p. 14-15).

Nos últimos números, a ironia dá lugar à ofensa desbragada :

Dizem que os dous pais da Gente Romana forão em pequenos alimentados com o leite de huma Loba ; e porque não serião os pais da Nação Brasileira, não digo eu alimentados com o leite de huma Macaca, mas filhos naturaes da mesma Macaca ? Pelos domingos se tirão os dias sanctos ; olhem-lhe bem para aquellas carinhas... me melem, se ainda se lhes não descobrem vestigios pouco confusos da origem macacal ! (*Besta*, nº 20, p. 3).

« Esta pena é um arrocho » : uma violência « alegre »

O incitamento à violência é outro exemplo da utilização de linguagem excessiva e da ultrapassagem dos limites do humor por parte de José Agostinho de Macedo. Tal sucede, por exemplo, em abril de 1829, quando pede que façam « pernejar » os pedreiros livres, dando assim ao povo « hum alegrão diario de carne fresca » (*Besta*, nº 12, p. 15).

O incitamento à violência vai desde a simples agressão, passando pelo espancamento, até à eliminação física dos adversários. Convém não esquecer que n'*A Besta*, como antes em *A Tripa Virada* e depois n'*O Desengano*, assiste-se a uma porfiada desumanização do outro³⁵. Essa persistência torna perfeitamente « normal » a reivindicação da morte dos adversários : « para conter o Pedreiro he absolutamente necessaria a Forca » (*Besta*, n° 24, p. 11).

O riso : « a arma mais custosa de manejar »

Macedo atribui um lugar central ao humor n'*A Besta Esfolada*. Não perde oportunidade de trazer o riso à colação. Por exemplo, quando garante que as situações que narra, à laia de libelo acusatório, aos protagonistas do regime constitucional « cornudagens » estão todas documentadas no *Diário das Cortes* :

Não me digão que eu invento cousas de minha cabeça ; que sou como o Penteeiro de Coimbra, que fazendo caixas de corno muito bonitas, e torneadas, dizendo-se-lhe huma vez — Ó Mestre donde foi vossê aprender isto ? — Respondêo — Em parte nenhuma : são cousas cá tiradas da minha cabeça. Não Senhores, estas cornodagens não tiro eu da minha cabeça, acho tudo nos papeis publica-rasamente impressos. Ouvirão o que dizia o Diario das Cortes ? (*Besta*, n° 18, p. 15).

A deriva obscena de Macedo entra em derrapagem no final do periódico. A fechar o n° 26, o último antes da proibição, promete :

[...] Peço venia para o seguinte Número, que não pode deixar de levar o seguinte Titulo — Os Traques da Besta — e com tal arruido, que desde o Rio se ouvem aqui (*Besta*, n° 26, p. 16).

O fascículo seguinte ficou inacabado. Porém, na edição publicada em 1831 como « Número inédito, que seu Autor não chegou a concluir », Macedo explicita a razão

³⁵ Cf. Tamara L. HUNT, « Desumanizando o outro : A imagem do “oriental” na caricatura inglesa », in Isabel LUSTOSA, ed., *Imprensa, Humor e Caricatura : A questão dos estereótipos culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011, p. 407-438.

do recurso ao humor como uma questão estratégica para o seu combate, apesar das objecções de certos detractores dentro do próprio campo absolutista.

[...] Ha asnos, para cuja bôca não he o mel, e não desistem jámais de arguições, que me atormentão os ouvidos, de que tracto as cousas, ou as combato com as armas do ridiculo, como se não fosse esta a arma mais difficultosa de manejar com sempre sustentada esgrima (*Besta*, n° inédito, p. 3).

Incontinência verbal

Os « miseráveis Periodicos », editados pelos adversários de Macedo, fazem-se, segundo ele, pelas piores razões : por dinheiro, por inveja, por vingança, para fazer revoluções, ou por mera vaidade (*Desengano*, n° II, p. 1-2). Foram criados para enganar os leitores. Todos, menos *O Desengano* : « Eu tive a desatinada lembrança, visto que todos os Periodicos do Mundo se tem feito para enganar, de fazer hum Periodico para desenganar » (*Desengano*, n° II, p. 2).

A violência do discurso está omnipresente nas páginas do periódico, oferecendo pequenas variações no modo de tratar os « pérfidos e impudentes malhados », aliás « cáfila » de « estúpidos » e « mentecaptos » : pau, bala ou zagalotes.

[...] E se o pão [...] não produzir logo o seu desejado effeito, então tiro, não simples, mas com duas ballas, ou quatro zagalotes, que he o que elles merecem, e he, a meu vêr, a unica receita para acabar com os pérfidos, e impudentes Malhados (*Desengano*, n° 23, p. 7-8).

Em julho de 1831 surge uma inovação que vai enriquecer a panóplia macediana (e miguelista) de instrumentos de suplício, fazendo companhia à força : o garrote. A novidade permite uma tentativa cómica em que o riso é suscitado pela explicação jocosa que o autor faz do contraste entre a designação pejorativa dos liberais em Espanha « negros » e em Portugal, « malhados ».

Ergão as mãos para o Ceo, porque aqui em Portugal são mais bem tratados que na Hespanha, nossa amiga, e companheira, até no nome ; lá chamão-se *Negros*, aqui Malhados, que sempre presuppõe a mistura de outras cores, que determinem as malhas ; estas cores

podem ser agradáveis, e adoçarem o horror do negrume. Na Hespanha são todos Negros, negros n'alma, e negros no corpo. Inda mais negros se fâsem, quando os pendurão na Forca, ou lhes apertão os gorgomilos no fatal barrote³⁶ (*Ibid.*, p. 10).

Com recurso a uma linguagem sarcástica (« Cartas nem as do correio » *Desengano*, n.º 14, p. 11) e até mesmo fescenina (« os punhados de papeis que nos vêdes nas mãos são as folhas da Constituição ; se faltar alguma, he porque já cá servio em caso de necessidade », *Desengano*, n.º 11, p. 8), o objetivo é louvar a « prodigiosa virtude, e sobre humano poder de hum Cacete » (*Desengano*, n.º 24, p. 5), deixando assim claro o apelo ao extermínio dos liberais, numa constante apologia da pena de morte contra a « bosina da moderação » : « A impunidade he filha da frouxa tolerancia. [...] A Clemencia de Tito he cousa muito boa, mas he para huma Opera de Metastasio » (*Desengano*, n.º 16, p. 8).

Recepção, circulação e apropriação

A recepção dos periódicos « de combate » de José Agostinho de Macedo não foi inferior à das outras obras do autor. Um contemporâneo que se cruzasse com ele na calçada do Forno do Tijolo ou em Pedrouços, não diria que aquele padre « despenteado, de batina desabotoada, mal barbeado »³⁷ auferia pela sua obra literária rendimentos consideráveis. *A Besta Esfolada* foi um êxito comercial : tinha uma tiragem de 4000 exemplares por edição³⁸, « número astronómico para o tempo »³⁹, o que, aplicando o mesmo índice de leitura usado por Tengarrinha para as *Cartas de J. A. M. a seu Amigo J. J. P. L.* (Joaquim José Pedro Lopes) permite estimar uma audiência superior a 20 mil leitores por número⁴⁰. Quanto a *O Desengano*, editado pelo mesmo Joaquim José Pedro Lopes, a tiragem dos primeiros números (2500 exemplares) não chegou para as encomendas. De acordo com Inocêncio, alguns

³⁶ Trata-se de uma gralha : o autor refere-se ao garrote.

³⁷ C. OLAVO, *op. cit.*, p. 82.

³⁸ I. SILVA, *Diccionario Bibliographico*, vol. IV, p. 197.

³⁹ A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 298.

⁴⁰ J. TENGARRINHA, *op. cit.*, 2013, p. 430.

números foram reimpressos, aumentando-se a tiragem dos seguintes para 3500, reforçada ainda mais no último (nº 27), que teve uma impressão de 4000 exemplares⁴¹.

A esta fonte de rendimento é preciso acrescentar uma outra resultante da circulação e da recepção d'*A Besta Esfolada* e d'*O Desengano* e que vem não só confirmar a venalidade de Macedo mas também desmentir a autoproclamada independência da sua pena. Trata-se da intervenção na polémica atribuição do contrato do tabaco, monopólio arrematado pela coroa a particulares. José Agostinho deixou-se arregimentar pelos interesses em confronto (José Ferreira Pinto Basto e João Paulo Cordeiro), atacando ou elogiando a capacidade económica e a generosidade do apoio à causa absolutista por parte de quem lhe pagava. O que acabou por determinar a sua opinião foi afinal o pagamento de uma avença anual de 300 mil réis por parte de Cordeiro para não continuar a escrever sobre o assunto⁴². Ainda assim, podemos notar um assomo de ironia no modo como se refere ao negócio :

O Contrato do Tabaco he, considerado politica, e economicamente, a Chave de hum Cofre nunca exausto depositada nas mãos do Governo, onde se encontra o prompto recurso de urgências ; e nas mãos de huma revolução, he hum manancial das suas escandalosas rapinas. Oh ! que este Contrato exclusivo tem engrossado tantas casas. Sim, Senhores, e estas enchem tantas mil barrigas !
(*Desengano*, nº 11, p. 10-11).

Conclusão : José Agostinho de Macedo e os limites do humor

A leitura dos periódicos *A Tripa Virada* (e do respetivo complemento *Tripa por Huma vez*), *A Besta Esfolada* e *O Desengano* é uma viagem pela fronteira entre o sério e o risível no decurso da qual os excessos de linguagem revelam uma amoralidade⁴³

⁴¹ I. SILVA, *op. cit.*, p. 198.

⁴² Cf. C. OLAVO, *op. cit.*, p. 83 e A. M. FERREIRA, *op. cit.*, p. 301-306.

⁴³ *Ibid.*, p. 16 ; cf. Elisabeth BOURGUINAT, « Rire et pouvoir : La leçon du persiflage libertin », *Dix-huitième siècle*, nº 32, 2000, p. 290.

que permite ao riso funcionar de forma eficaz ao serviço de uma determinada estratégia política.

A busca do efeito cómico é instrumental em Macedo. Trata-se de um recurso que o autor utiliza conscientemente para impor os seus valores ideológicos, não hesitando em afirmar : « no vehiculo do divertimento com o gracejo vai o util, e muito util conhecimento da verdade » (*Besta*, n.º 21, p. 9). E de novo reafirma essa escolha : « Devo eu com outra arma, que não seja a do ridiculo, combater tantas parvoices, infamias, e até atrocidades ? Esta será a arma, o Povo entenderá o que se lhe diz » (*Besta*, n.º 5, p. 13). A insistência « combato com as armas do ridículo » (*Besta*, n.º inédito [27], p. 3) mostra a determinação de usar o riso não apenas como uma mera manifestação de desaprovação, mas sobretudo uma verdadeira « disciplina do embaraço », segundo a categorização estabelecida por Billig⁴⁴.

A comicidade que disciplina, que reprime, é a contribuição de Macedo para a construção da opinião pública, expressão que usa por duas vezes em *Tripa por Huma Vez*, sem perder, no entanto, alguma capacidade de auto-irrisão : « [...] Foi a impazinação das promessas de escrever, de dirigir a opinião publica, de advogar a cauza, persuadindo-se que o Povo hiria atraz de mim » (*Tripa por Huma Vez*, p. 66)⁴⁵.

O riso de Macedo prefere o sarcasmo e a sátira à ironia⁴⁶. É um riso liberticida, chocarreiro, muitas vezes cruel, lembrando a forma como, segundo Deleuze, Foucault encarava os mecanismos de vigilância e repressão : « até rebentar de rir »⁴⁷.

José Agostinho explora o sarcasmo e a sátira para lá dos limites da decência, da crueldade, da obscenidade. Livros e periódicos são para queimar, ossos são para quebrar com a ajuda do cacete, corpos para enforcar. O outro, o que é diferente (pedreiro livre, malhado, mulher, brasileiro) é alvo de uma desumanização, por vezes

⁴⁴ Michael BILLIG, *Laughter and Ridicule : Towards a Social Critique of Humour*, Londres, Sage, 2005, p. 235.

⁴⁵ A primeira referência à « opinião pública » foi a propósito de manifestações populares pró-liberais que, segundo Macedo, seriam compradas : « [...] Trazia o sacco com os patações de dois vintens para dar aos rapazes, que davão os vivas segundo o costume, chamando a estes vivas a opinião publica em que descansava o systema que felizmente nos regia » (*Tripa por Huma Vez*, p. 9).

⁴⁶ Vladimir JANKÉLÉVITCH, *L'Ironie*, Paris, Flammarion, 1964, p. 9-37.

⁴⁷ Gilles DELEUZE, *Foucault*, Lisboa, Vega, 1987, p. 45.

de uma real diabolização : « verdadeiros Demonios com apparencia humana » (*Desengano*, n° 13, p. 2).

Daqui resulta uma recusa da alteridade, da possibilidade de diálogo e da coexistência entre « nós » (portugueses honrados, absolutistas, apostólicos, corcundas, veneradores de S. Miguel, seguidores de D. Miguel) e o outro. Mesmo quando o outro era dos dele, como o seu, aliás benévolo, censor privativo, Frei Henrique de Jesus Maria, a quem chamava, pelas costas, Frei Velhaco de S. Patife.

Macedo gostava de criar cenários em que punha na boca dos adversários as palavras que gostaria de ouvir : « [...] Assim como nós quizemos esmagar o *Infame*, o Forno do Tijollo nos esmagará a nós » (*A Tripa Virada*, n° 1, p. 10). Sempre a procurar fazer jus ao elevado conceito que tinha de si mesmo : « o Padre do Forno do Tijolo [...] he a lingua mais livre de papas, que ainda até agora para badalar se tem mexido na boca humana » (*Besta*, n° 23, p. 3). Não era. O humor foi também um instrumento do seu oportunismo. Apesar de tudo, tinha amigos que lhe apreciavam o estilo. Como o editor Joaquim José Pedro Lopes, que lhe dedicou um soneto « Por ocasião da sentida morte do Padre J. A. de Macedo », onde se lê uma referência expressa ao grato recreio, aos poemas jocosos, à graça da erudição, com que fustigava « charlatães e impostores »⁴⁸.

Macedo era incapaz de reconhecer o outro e de dialogar. Odiava a liberdade de expressão e a própria liberdade de pensamento. Tinha uma profunda aversão à mudança política e social. A sua visão do mundo era autocentrada ao ponto de apelar à eliminação física dos adversários. Ao mesmo tempo, as suas formas de pensar e agir eram sustentadas por uma erudição, um conhecimento e uma cultura sólidos, servidos por um talento indesmentível, capaz de utilizar vários registos entre os quais avultavam os jocosos, com destaque para a sátira, o sarcasmo e a troça. Usou-os a

⁴⁸ « Impoz da Patria aos Inimigos freio, / Illusos Cidadãos desenganando ; / Charlatães, e Impostores fustigando, / Deo proficuas lições ; grato recreio : // Creou Poemas immortaes na mente, / Filosoficos, Epicos, Jocosos, / Que encantão, que arrebatão douda gente ; // Possuiu os thesouros mais copiosos / Da erudição, de graça huma torrente, / Macedo, e a todos nos deixou saudosos » (*Desengano*, n° 27, última página, sem numeração).

todos com eficácia, criando uma « comunidade do riso »⁴⁹ ao serviço da violência e do extermínio, do obscurantismo, da misoginia e do racismo. A sua obra, e particularmente os periódicos aqui estudados, suscitam uma reflexão permanente sobre o imoralismo cómico, a amoralidade e sobre os limites do humor.

⁴⁹Joanna WILK-RACIEŃSKA, « La definición de comunidad de risa reformulada », in João P. R. FERREIRA e Tháís L. VIEIRA, ed., *Humor, Língua e Linguagem : Representações culturais*, São Paulo, Edições Verona, 2017, p. 109-124.